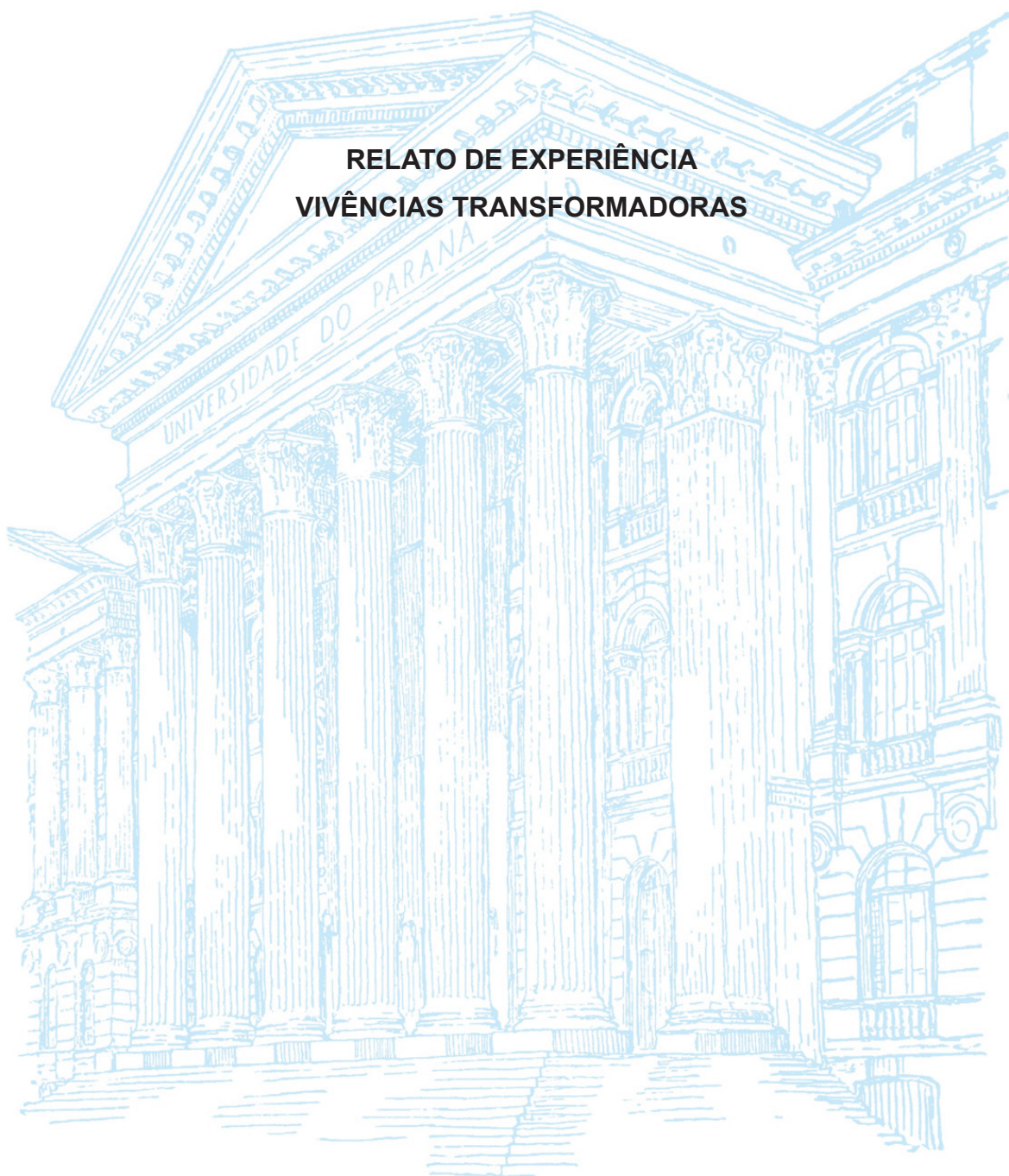


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ESPECIALIZAÇÃO QUESTÃO SOCIAL PELA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

ANDERSON GONÇALVES LEITE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA
VIVÊNCIAS TRANSFORMADORAS**



MATINHOS
2023

ANDERSON GONÇALVES LEITE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA
VIVÊNCIAS TRANSFORMADORAS**

Relato de Experiência apresentado ao Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar. Orientador: Rodrigo Rosi Mengarelli.

MATINHOS
2023

RESUMO

O presente relato de experiência traz o contexto das vivências no estado do Paraná, na Ilha da Cotinga com o povo Guarani- Paranaguá; Na Associação Brasileira de Amparo à Infância - ABAI-Mandirituba; Na comunidade de Cabaraquara-Guaratuba e nas interações Humanísticas e culturais ICHs na Universidade Federal do Paraná- UFPR setor litoral. O relato de experiência traz como reflexão a percepção primária, sensibilizadora e crítica como norteadores das vivências. Dentro das diferentes experiências foi possível observar e entender diferentes formas de realidade do litoral paranaense e do papel promotor de bem-estar social que permeia as relações presentes no território. Para que as descrições ocorressem de forma fidedigna optou-se como metodologia a utilização das anotações, registros fotográficos, compartilhamento de questionamentos com colegas, relatos de vida e percepções por meio de observações.

Palavras chaves: Relato de experiência. vivências. Transformação.

ABSTRACT

This experience report brings the context of experiences in the state of Paraná, on Cotinga Island with the Guarani-Paranaguá people; At the Brazilian Association for Child Support - ABAI-Mandirituba; In the community of Cabaraquara-Guaratuba and in the humanistic and cultural interactions ICHs at UFPR coastal sector. The experience report brings as reflection the primary, sensitizing and critical perception as guides of the experiences. Within the different experiences, it was possible to observe and understand different forms of reality on the coast of Paraná and the promoting role of social well-being that permeates the relationships present in the territory. In order for the descriptions to occur in a reliable way, the methodology was the use of notes, photographic records, sharing questions with colleagues, life stories and perceptions through observations.

Keywords: Experience report; experiences; Transformation

1 INTRODUÇÃO

O relato de experiência é apresentado a partir de vivências do curso de especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná - UFPR setor litoral, sediada na cidade de Matinhos - PR, um território com grande participação dos estudantes no processo cultural e da construção do conhecimento.

A interdisciplinaridade possibilita aos estudantes uma troca de experiência única, possibilitando trazer e ressignificar a visão de mundo e a perspectiva social que se apresenta em nossa sociedade, transformando o indivíduo numa perspectiva crítica e libertadora.

O trabalho apresenta alguns eixos essenciais na construção de uma percepção crítica e social e na transformação da visão de mundo desse estudante. O primeiro eixo é a história de vida. Todo ser humano traz consigo uma história, vivências que são construídas historicamente mediada pelas relações que se constrói, portanto, ao ler as vivências apresentadas é preciso conhecer a minha realidade historicamente construída.

A partir da história de vida apresento a minha perspectiva primária, aquela que trago e tinha sobre a Questão Social e também sobre a própria UFPR, as primeiras indagações, relações e visão daquela realidade. As vivências sensibilizadoras foram um momento especial de sensibilização quanto à realidade, foi o apaixonar-se. Sem esse momento não seria possível vislumbrar toda a experiência que surgiu ao longo curso e perceber todo o referencial teórico das aulas na materialidade do real.

A compreensão parte dessa relação dialética entre o campo filosófico e científico em que é possível trazer as expressões da questão social que se apresentam nas vivências e o transformar do senso comum em uma visão crítica da realidade que se apresenta. Para tal, o processo metodológico se deu em uma pesquisa qualitativa analisando o território do Litoral do Paraná em uma revisão de literatura.

O ressignificar é um olhar para si, perceber que o caminho que foi percorrido transformou não só a mim, mas todos que fizeram parte desse curso. As vivências críticas são aquelas que foram aprofundadas após a compreensão e reflexão sobre os conceitos abordados, olhando a vivência sob uma perspectiva crítica,

extrapolando o encantamento e construir todo um arcabouço social que permeia essa realidade. Ver os conflitos existentes e o papel das organizações dentro da sociedade na construção de um indivíduo mais sensibilizado e crítico.

2 HISTÓRIA DE VIDA

Nasci e cresci no município de Guaratuba, Paraná, assim como muitas famílias do litoral, sou neto e filho de Caiçara. Minha infância, por mais humilde, foi rica nos detalhes, principalmente na construção da minha identidade. Conheço cada bairro da cidade, pois, neles foram anos de molecagem e travessuras, e com o passar do tempo, o desbravamento foi cada vez mais intenso, da ponta do mirim ao saí-mirim, de ônibus, bicicleta, moto e a pé, tempo bons que se tornaram história.

A primeira fase escolar se deu na escola municipal Olga Silveira, tendo como minha primeira professora Maristela, e todas as minhas lembranças dos primeiros anos escolares giram em torno da forma como ela aproximava os alunos da escola. Todo o ensino fundamental I foi realizado nessa escola, muitas são as lembranças desse período, dentre elas as transformações que ocorreram em mim como indivíduo.

Nesse período, meu pai trabalhava na construção civil, e lembro das inúmeras vezes em que o acompanhei, relembro do esforço que ele e minha mãe tiveram para criar os cinco filhos. Devido a essa necessidade, minhas irmãs e eu começamos a trabalhar muito cedo, meu primeiro trabalho com 12 anos foi em um pequeno restaurante frente a praia, devido a necessidade por toda a minha adolescência tive que conciliar trabalho com estudo e ajuda no sustento da casa. Foram diversas profissões, pizzaiolo, garçom, barman, serralheiro, pedreiro, chapeiro, cozinheiro e dentre outros, que foram me dando suporte ao que sou hoje, como pessoa e como profissional. Dentro deste período também apruntei muito, no ensino fundamental II e médio, apruntei tanto que já conhecia todos da secretaria da escola e equipe pedagógica, foi nesse período que comecei a conhecer o papel da gestão escolar e dei os primeiros passos a militância, sem ter ciência do que de fato era.

Lembro-me que estava sempre envolvido com situações de insubordinação ao sistema tradicional de ensino, até que na 8ª série (9º ano), veio o professor Bruno da formação de docentes (magistério) vestido de palhaço, mostrando as diversas

atividades que era feito na unidade escolar, e, por impulso, meu colega e eu, fomos fazer. E, ali, fui descobrindo o fascinante mundo do professor e descobrindo o lado obscuro da crueldade de um péssimo professor, a cada aprofundamento e convívio fui observando e refletindo sobre os educadores que passaram por mim. Nesse período, fui muito ativo no magistério e conferências junto a UGES e UNE, além de conferências estaduais e municipais da criança e adolescente.

A escolha profissional surge, então, dessas relações e vivências que tive ao longo de minha formação inicial, a primeira tentativa do ensino superior começou na própria cidade em uma faculdade privada, no entanto, por dificuldades financeiras fui obrigado a trancar a matrícula, realidade essa de muitos jovens que tentam o ingresso à universidade.

Esse fato fez com que buscasse outros rumos, indo morar em Curitiba-PR na tentativa de encontrar outra área de formação, porém, pouco tempo depois a docência voltou a fazer parte do meio cotidiano estando em sala novamente em uma escola no município de Pinhais - PR percebendo que realmente essa seria minha jornada. Ao retornar para Guaratuba um ano e meio depois e com a influência de minha companheira que morava e mora no Município de Garuva - SC iniciei novamente minha trajetória como professor.

Foi nesse município que realmente fixei e consolidei minha trajetória profissional, iniciando como professor de informática em um ônibus escolar adaptado com computadores que levava a inclusão tecnológicas nas escolas, como tive diversas experiências ao longo dos anos tive a oportunidade de transitar por diversas áreas da educação como professor de alfabetização, anos iniciais, professor de educação especial sempre colaborando com os técnicos educacionais.

Ainda nesta época não tinha iniciado de fato a licenciatura, estando concorrendo às vagas com nível de magistério, sendo cada vez mais difícil concorrer-lás, foi então que consegui ser selecionado no PROUNI iniciando a faculdade de pedagogia no município de Joinville - SC. Esse período ampliou ainda mais minha visão de mundo e experiências, revezando entre trabalhar como professor na rede estadual e nos municípios da região norte de Santa Catarina.

Foi nesse anseio da busca por conhecimento e da compreensão do meu crescimento profissional que decidi continuar essa jornada acadêmica após a graduação, começando o mestrado na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC no programa de mestrado em Ensino de Ciências, Matemática e

Tecnologias, a ideia de pesquisa surge dessa relação de vida, trabalhando com os alunos com necessidades especiais, principalmente nos aspectos de rotinas para o público com TEA.

O início do mestrado, ano de 2020 coincidiu com o início da pandemia, ano atípico que assolou o planeta. No ano seguinte lecionando em Joinville, tive muita dificuldade em concluir as duas últimas disciplinas, visto que que era contratado não tinha o direito de assistir às aulas com maior frequência, usando as horas-atividades para esse momento, dificuldade essa, fruto de um sistema hegemônico. A complexidade da realidade trazida pela pandemia, problemas de saúde familiares, veio o trancamento e posteriormente o desligamento realizados por mim, não pelo descomprometimento mas sim pelo entendimento de que a pesquisa científica se faz com seriedade e o afastamento necessário para aquele momento comprometeu significativamente a sua continuidade.

Nesse contexto surge a especialização na UFPR, impulsionado pelas relações que tive no passado com ICH, palestras e encontros fiz a inscrição um pouco receoso pela quantidade de inscrito, fui selecionado, trazendo novas perspectivas sobre a realidade e a questão social que não tivera até aquele momento, que será apresentado no decorrer deste relato de experiência, outro marco ao ingressar no setor litoral é a continuidade acadêmica, sendo aprovado no mestrado profissional em Ensino das Ciências Ambientais, a especialização teve muita influência no que, hoje, estou desenvolvendo na pesquisa, uma formação docente estruturada a partir de uma construção da realidade com as vivências como eixo central.

Esse pequeno recorte de minha história de vida é essencial para a trajetória que fez com que optasse por um relato de experiência e compreensão dessas vivências sob a lente de minha visão de mundo que por hora é historicamente construída.

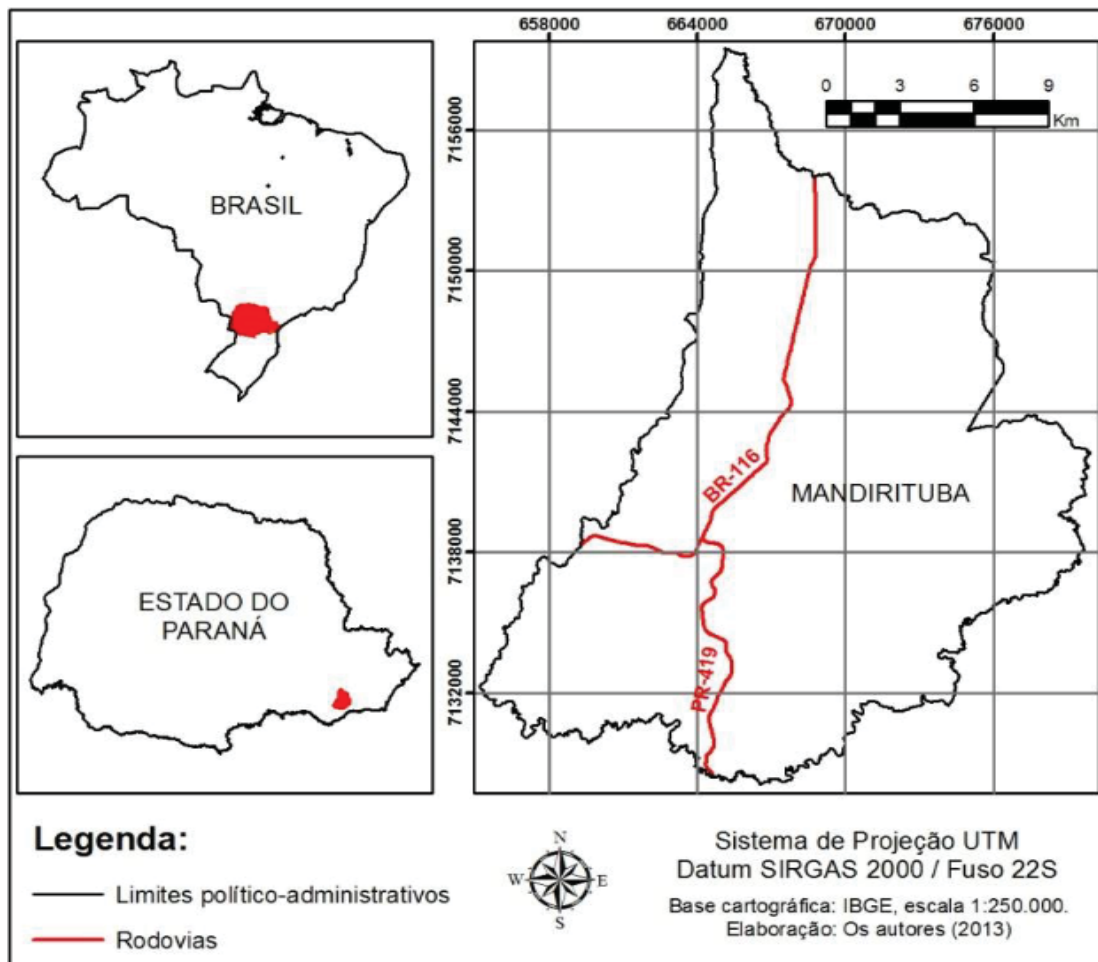
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DAS VIVÊNCIAS

O presente relato de experiência se desenvolveu com as vivências dentro do território do litoral paranaense, na Ilha da Cotinga, território dos povos originários da etnia Mbya da Aldeia Guarani Pindoty-Pontal do Paraná; no cultivo de Ostras na comunidade de Cabaraquara- Guaratuba; nas interações culturais e humanísticas na

Universidade Federal do Paraná, setor Litoral-Matinhos e na Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) e casa de sementes na cidade de Mandirituba, região metropolitana de Curitiba.

Mandirituba assim como os sete municípios do litoral do Paraná também possui um longo debate sobre a conservação ambiental, localizada a aproximadamente 40 quilômetros da capital é cercada por reserva significativa de rios e do bioma da mata atlântica (RIBEIRO, SILVEIRA E NUCCI, 2013)

Figura-1 Localização da cidade de Mandirituba-PR



Fonte: Ribeiro, Silveira e Nucci (2013)

Estes são alguns dos indicativos pelos quais a ABAI se encontra neste território e possui como delimitação de seus objetivos a relação educação e meio ambiente. O território é formado predominantemente por agricultores familiares e famílias em vulnerabilidade social, estes foram alguns dos fatores primordiais para que o projeto acontecesse. (ABAI, 2012). O espaço conforme vai ser descrito na parte de vivências críticas se interliga em meu ao seu território como proposta transformadora por meio da formação humanizada.

Dentro deste contexto da valorização pela preservação ambiental e agroecologia, Mandirituba se destaca por possuir uma das casas da semente presentes no território nacional, um dos grandes agregadores da região quanto a importância da conservação de espécies sem agrotóxico.

O litoral paranaense é composto por sete municípios, Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná, divididos em uma área total de 6.055.336 km² (IBGE, 2022), representando 3% do território do estado do Paraná. Por mais que numericamente esse dado quantitativo aparente ser irrisório sob a área total do estado, é um espaço significativo culturalmente e ambientalmente. De acordo com Estades (2003) o litoral paranaense é mais que um espaço geograficamente dividido em municípios, é um território coberto de saberes, culturas, diversidades e de intenso histórico de exploração e desigualdades. Algumas desigualdades que refletem na contemporaneidade surgindo a partir do século XVII na busca pelo ouro, ocasionando a vinda e a criação dos primeiros núcleos povoados que se estenderam principalmente em Paranaguá e Guaraqueçaba (LICARDO, 2004)

De acordo com Licardo (2004) , o ouro de aluvião e sua escassez ao longo do tempo, fez com que, além da diminuição da população indígena, houvesse um esquecimento das comunidades que se formaram nesse período. Entre os possíveis fatores da intensificação do esquecimento institucional estão as suas divisões territoriais e populacionais, as quais dependem dos repasses orçamentários e de criações das diversas unidades públicas.

O município de Guaraqueçaba-PR tem o maior território do litoral e uma das áreas urbanas menos povoadas por km² (IBGE, 2019). No contexto social isso acaba refletindo na falta de instalação de condições básicas para a qualidade de vida dos moradores, fazendo com que as desigualdades se intensifiquem nas comunidades quilombolas, indígenas e caiçaras que estão mais distantes dos centros urbanos, devido à dificuldade de acesso a condições básicas, como saúde, compras básicas.

Outro fator nessa análise é que o município de Matinhos compõe a menor extensão territorial entre os sete municípios do litoral, mas ocupa a quarta posição como cidade urbanizada por km² (IBGE, 2019). Com exceção de Paranaguá que ocupa a maior área urbanizada, devido aos aspectos históricos de colonização, a influência do porto e a concentração política regional, os municípios de Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná formam um eixo litorâneo, que juntos concentram mais da metade da urbanização por quilômetro quadrado sendo um total de 64,26 km².

Um dado importante para reflexão, é o crescimento populacional do litoral paranaense e o impacto ambiental que se apresenta neste espaço com o aumento do turismo e do comércio que na maioria pertencem a proprietários que não são do território, refletindo nos aspectos socioambientais das comunidades. (Alvares, 2019)

Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná trazem um contexto que se destacam pela densidade demográfica nesses três municípios, ambos têm o turismo como um dos eixos centrais no processo econômico resultando em uma alta na especulação imobiliária como é o caso de Matinhos, fazendo com que o estado e município desenvolvam ações e estratégias para aumentar ainda mais esses índices, como a Ponte de Guaratuba e o alargamento da orla marítima de Matinhos. Já em Pontal do Paraná um dos fatores de crescimento é o estudo do próximo porto que será instalado no Município.

Esse avanço imobiliário no Litoral, vem marginalizando as populações que residem a anos nessas regiões em consequência da elevação dos preços das moradias, muitas dessas famílias em vulnerabilidade são obrigadas a realizar ocupações irregulares, como é o caso de Guaratuba, de acordo com Alvares (2019, p. 14) *“o aumento das ocupações irregulares deve-se também a programas habitacionais que não atendem toda população, bem como os que não tem acesso ao mercado imobiliário privado”* gerando danos ao meio ambiente e a qualidade de vida desses moradores.

A ocupação irregular do solo está na origem, portanto, dos principais problemas urbanos, em áreas tão variadas quanto segurança, saúde, transportes, **meio ambiente**, defesa civil e provisão de serviços públicos. Esses problemas não afetam apenas a população nele residente, mas estendem-se para toda a população, seja pela ampliação desnecessária dos custos de urbanização, seja pelas externalidades negativas decorrentes de fenômenos como a contaminação e o assoreamento dos recursos hídricos e a disseminação de doenças contagiosas (Pinto, 2003, p. 3) grifo nosso.

Esses fatores se estendem em todo o litoral necessitando de alterações legais na Lei nº 12.243, de 31 de julho de 1998 no “Art. 3º Os Municípios litorâneos deverão realizar Planos Diretores que contemplem, em seus aspectos físico-territoriais, as exigências das normas urbanísticas admitidas em comum acordo, entre o Estado e os municípios litorâneos.” (Paraná, 2022). É o caso do

município de Guaratuba que atualmente está revisando o seu plano diretor com intuito de reformular as políticas de dimensões municipais.

No entanto, diferentemente de Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná, em algumas regiões houve uma migração e diminuição da população existente entre os anos de 2000 a 2022 que de acordo com Estades (2003, p. 28) durante esse período de 1970 a 2000 “os municípios de Morretes e Guaraqueçaba apresentam taxas de crescimento muito baixas, relativamente estáveis, e são os únicos onde a maior parte da população se manteve no meio rural em todo o período, mas, com taxas de urbanização progressivamente maiores” e em 2022 os municípios com queda são Antonina e Guaraqueçaba, a quais também sofrem junto com Paranaguá o impacto ambiental ao com o assoreamento nessas regiões.

Atualmente Guaraqueçaba possui 7.430 habitantes distribuídos em comunidades e o núcleo urbano central. No ano de 2000, de acordo com Estades (2003), possuía 8.288 habitantes, uma queda significativa resultante da falta de um bom plano de manejo nas Unidades de Conservação.

A maioria das categorias de Unidades de Conservação não permitem a permanência de população humana no seu interior, sequer população tradicional que residia anteriormente na área, portanto ao mesmo tempo que esta lei inseriu demandas dos movimentos sociais e estabeleceu categorias exclusivas para áreas com presença de populações tradicionais, por outro lado gerou muitos conflitos principalmente com as Unidades de Conservação de proteção integral (Moura, 2016, p. 25).

Alguns desses conflitos se dão pela implementação desses planos sem o devido olhar sobre os aspectos culturais que advém das comunidades e a sua interação com a natureza. Muitos podem ser os fatores que geram essa diminuição da população nessas áreas, uma das maiores dificuldades é manter os jovens nas comunidades buscando a continuidade e identidade cultural da região. Dentro deste contexto, durante a vivência na comunidade Cabaraquara, o senhor Hamilton abordou esse aspecto da preocupação com a continuidade da produção e da sustentabilidade pelas gerações futuras nas comunidades tradicionais.

O Litoral do Paraná traz uma vasta composição de comunidades tradicionais ao longo do seu território. Essas comunidades, apesar dos desafios, vêm ressignificando suas práticas de subsistência frente às inovações e adaptações que se apresentam, tentando manter sua cultura e sua representatividade.

Não se pode deixar de considerar os elementos culturais, comportamentais e tradicionais da comunidade, pois eles representam condições para que a comunidade se sinta representada, através da transferência de conhecimento, podendo assim criar estratégias para o funcionamento e

desempenho dos diferentes atores, que possuem interesse em promover inovação local (Gonçalves, *et. al*, 2023,p.58)

Gonçalves *et.al* (2023) ao estudar a dinâmica do litoral paranaense destaca que as transformações das condições sociais e econômicas se dão principalmente pela resistência da permanência no território. Tanto as comunidades tradicionais ribeirinhas quanto os agricultores precisaram buscar saídas para as crises que se instalaram nas últimas décadas.

Os sistemas regionais de inovação surgem sob o ponto de vista de uma rede de pessoas que interagem em determinadas redes com o objetivo de promover um ambiente favorável à inovação, sendo necessário reconhecer a cultura de grupos, o local onde estão inseridos e suas interações para intencionar as melhorias necessárias na qualidade de vida da sua população. (Gonçalves, *et.al.*, 2023, p. 59).

Dentro dessa problemática de inovação local de acordo com Cazella *et.al* (2020, p.01): “Em meados dos anos 1990, a perspectiva do desenvolvimento territorial incorporou as noções de redes multi-atores e de intercooperação para apreender a realidade de experiências empíricas”. Foi assim que algumas comunidades do litoral paranaense lidaram com esses fatores de transformação ao longo do tempo, adaptando-se frente às demandas econômicas e sociais que surgiam sem perder os aspectos culturais das comunidades.

4 VIVÊNCIAS

As vivências transitaram entre primeiros contatos, primeiras impressões, vivências críticas, e vivências sensibilizadoras, que permitiram a transição entre as primeiras perspectivas até a transformação do olhar para as diferentes situações que ocorreram.

4.1 PERSPECTIVA PRIMÁRIA

Idealizado no ano de 2004, O setor litoral da Universidade Federal do Paraná foi pensando como forma da junção dos problemas sociais que cercam a região como problemas na educação, neste contexto os cursos da universidade foram

pensando a partir das necessidades e dos arranjos produtivos localizados como forma de desenvolvimento (WANZINACK; SIGNORELLI, 2014)

Essa contextualização fica evidente nos primeiros contatos com a possibilidade de ingressar em um curso na instituição. Lembro-me do dia em que vi as inscrições do *site* da UFPR para um curso de especialização em Questão Social, o primeiro contato trouxe inquietação quanto ao ingresso, mas o anseio e a curiosidade foram os impulsionadores para o início da trajetória. Desta forma, Franciele e eu começamos o processo de inscrição, tendo em vista que só participaríamos se ambos passassem. E foi assim, com o resultado final começamos com muita incertezas, porém, motivados.

O início se deu em um local significativo, o espaço Paulo Freire, lugar especial que, organizado com as cadeiras em roda, desenvolveu o protagonismo dos estudantes e a inquietação quanto aos sistemas tradicionais de ensino e os embates sociais das minorias.

Ao sair ainda na pandemia, tiramos a primeira foto, não sabíamos então que se tornaria cada vez mais frequente e libertador estar presente em um ambiente onde as experiências são trocadas e compartilhadas contribuindo para a percepção ampla da realidade.

FIGURAS 01 - Primeira foto



Fonte: autor (2023)

A minha percepção primária sobre a Questão Social ainda estava vaga do que realmente seria essa interdisciplinaridade trazida pelo curso, mas com as aulas presenciais e on line, com as vivências e com as interações culturais e humanísticas foi possível compreender os aspectos que tornaram as experiências transformadoras.

A relação com os demais alunos, suas diferentes formações, nos permitiram olhar uma mesma situação de pontos de vistas diferentes, mas que se intercalam e se complementam para compreender o todo. Nas primeiras aulas iniciamos com a apresentação da grade curricular, das possíveis vivências, e da importância do olhar voltado para as questões de forma a de experienciar essas vivências com olhares voltados para a sensibilização e para olhar crítico para as especificidades.

4.2 VIVÊNCIAS SENSIBILIZADORAS

4.2.1 Ilha da Cotinga

No dia 06 de agosto de 2022, a turma da especialização de Questão Social pela perspectiva interdisciplinar visitou a Ilha da Cotinga, território dos povos originários da etnia “Mbya a Aldeia Guarani Pindoty”.

De acordo com a Andrade (2013) a ilha da Cotinga, localizada a dois quilômetros de Paranaguá, foi oficialmente demarcada pela Fundação Nacional Indígena (FUNAI) em 1994 consolidando a posse dos povos tradicionais que já habitavam a região há mais de seis mil anos. A ilha possui em suas extremidades vila de pescadores, as ruínas da Igreja Nossa Senhora da Mercê construída em 1667 e a aldeia da etnia “Mbya a Aldeia Guarani Pindoty.

A vivência iniciou às 07h da manhã com a saída da UFPR-Litoral sentido o trapiche de Pontal do Paraná, para posterior embarque em lanchas que levaram até o acesso à ilha. Mesmo para quem é caiçara, essa experiência em adentrar em um espaço envolto em tradições, costumes e culturas, traz a sensibilização de compreender o que é o território. Na chegada pelo trapiche já é possível perceber o

contraste de realidade, um local preservado pela valorização da importância da cultura indígena que ainda resta.

FIGURAS 02 e 03 -Trapiche Ilha da Cotinga



Fonte: grupo da vivência (2022)

De acordo com Alves (2015) a história da etnia Guarani na ilha da caatinga assim como a história dos povos originários em todo o país refletem na afirmação de sua cultura frente a transformação imposta pelo estado e pela cultura do homem branco. A ilha por ser pequena, dentro de suas limitações, traz o espaço assistencialista dado aos povos originários pelo estado e não condições de desenvolvimento dentro do seu território fazendo com que a maior parte da sua subsistência venha dos repasses do governo.

Ao desembarcarmos na aldeia a primeira edificação é posto de saúde, fomos direcionados para a Escola Estadual Indígena Pindoty e recepcionados pela diretora e pelo Cacique Dionísio. O momento inicial da visita se deu pela observação do espaço escolar que respeita a cultura Guarani, que traz na linguagem a adequação para a sua cultura. O espaço da escola é imerso em meio a mata, tem como base comunitária a interação da aldeia que o utiliza para reuniões e para compartilhamento de refeições. A vida escolar dentro da aldeia, se consolida como emancipatória, por permitir a formação baseada na autonomia e na flexibilização da aprendizagem e do tempo em sala de aula.

Neste segundo contato foi possível observar a interação do corpo docente com os Guarani, um respeito mútuo construído e adequado para a realidade, conforme relatado pelo cacique Dionísio que disse: “a escola e os educadores hoje fazem parte da nossa comunidade”. Este respeito pela cultura, pelas particularidades dos alunos, a flexibilização quanto aos métodos pedagógicos fica evidente na relação que se põe.

Após o café servido para o grupo e para a comunidade e uma primeira roda de conversa, a vivência foi direcionada para a observação das ruínas da primeira igreja do Paraná. Neste, após um grupo de aproximadamente 10 alunos que se perderam em uma parte do caminho, foi possível observar que a Ilha é dividida em três partes: Território Guarani; Guarani Mbya e colônia de pescadores onde ficam as ruínas da igreja, estava nesse grupo de perdidos, momento cansativo, porém único por conhecer outra perspectiva da ilha incluído um novo olhar sobre ela.

FIGURAS 04.05.06.- Casa de reza na aldeia em Cotinga



Fonte: O autor (2022)

O “estar perdidos na ilha da Cotinga” nos permitiu vivenciar momentos únicos de reflexão, contatos informais com indígenas, observação da sua cultura de perto, imersão na mata por meio de caminhos opostos que os demais alunos fizeram. Descobertas de outras partes da Ilha menos exploradas. A ilha da Cotinga está entre os primeiros espaços povoados do litoral paranaense e faz parte de um conjunto de ilhas que formam essa parte litorânea.

O acesso para as ruínas da igreja de Nossa senhora das Mercês que foi construída em 1677, fica no ponto mais alto da ilha, tendo como acesso a escadaria com aproximadamente 365 degraus, o que foi considerado um grande desafio para o

grupo, pois além da grande extensão o formato íngreme fez com que a vivência se tornasse mais intensa.

FIGURAS 07 e 08- Escadaria e ruínas da Igreja da igreja de Nossa senhora da Mercê



Fonte: autor (2022)

Para chegar na escadaria de acesso às ruínas foi preciso passar pela vila de pescadores, as casas à margem da baía contornam o caminho até a subida. No início da escada existe uma placa com as informações e história da igreja. Ao chegar nas ruínas da igreja cercada pela floresta, surgem muitos questionamentos quanto à forma que foi construída e o porquê de estar na situação que se encontra. Após a descida da escadaria que foi mais tranquila que a subida, na foto é possível perceber o quanto animador foi a subida.

Mas esse meu cansaço foi apenas um estado momentâneo. Fui motivado e inspirado por uma pessoa incrível. Esse parágrafo é dedicado especialmente a Professora Giselle Ávila Leal de Meirelles, que durante todo o curso mostrou o quanto essa profissão pode ser inspiradora e transformadora na vida dos seus estudantes, ela fez e faz toda a diferença no curso por ter uma amorosidade e humanidade sem igual, agradeço imensamente por fazer parte da minha história.

FIGURA 09- Professora Gisele descendo a escadaria



Fonte: grupo da vivência (2022)

Não acompanhei a subida da professora, apenas uma parte de sua descida, mas acredito que ela não queria ver o Valdo naquele momento, esse mesmo educador que terá seu espaço significativo nessa vivência. Valdo fez parte de minha história de vida já no magistério em meados de 2009, assim como a professora Giselle ele é uma pessoa inspiradora pela sua história de vida. Foram diversas vivências propiciadas por ele, criando momentos únicos de reflexão quanto aos sistemas de ensino tradicional ainda existentes em nossa sociedade, agradeço por também estar presente nesses momentos tão especiais em minha jornada.

FIGURA 10- Valdo, Cacique Dionísio e a Diretora da escola da Ilha da Cotinga



Fonte: grupo da vivência (2022).

No período da tarde a vivência se deu pelo diálogo de saberes onde, após apresentação da relação do Valdo com a comunidade e com o cacique Dionísio, foi explicado a relação existente entre eles e as metodologias pedagógicas elaboradas com base na realidade da comunidade. O cacique Dionísio também foi entrevistado por alguns alunos e houve espaço para esclarecimento das dúvidas.

FIGURAS 11 e 12- Cacique Dionísio e meninos Guaranis



Fonte: grupo da vivência (2022)

Após a roda de conversa, com o diálogo de saberes, houve manifestações culturais com danças, cantos e apresentação. Após o café, na parte livre da vivência, teve a participação de alguns alunos da pós-graduação e graduação com o time de vôlei da comunidade, o que gerou momentos de grande interação, com torcidas e fotos.

FIGURA 13 e 14- Jogo do time da comunidade com alguns alunos da graduação e pós-graduação



Fonte: autor (2023).

Essa vivência foi capaz de mostrar que mesmo estando em contato com diversas culturas, representações, costumes em nossa sociedade, não temos consciência de quão significativo é ter contato com a cultura dos povos originários. São danças, ritos, festividades que nos são apresentadas, abrindo nossa percepção para essa maravilhosa forma de existir. Encerro essa vivência com uma provocação. Assim como foi na Cotinga com as canções e danças, “O que você teria para apresentar culturalmente para eles?”

4.3 VIVÊNCIAS CRÍTICAS

4.3.1 Associação Brasileira de Amparo à Infância - ABAI

No dia 22 de outubro de 2022 a vivência se deu na Associação Brasileira de Amparo à Infância - ABAI. A ABAI foi criada em 1979 com o intuito de amparar menores em situação de vulnerabilidade. Por estar inserida na área rural em Mandirituba, região de Curitiba, mantém como ideais a produção agroecológica, os princípios da relação humano e natureza, buscando por meio da educação socioambiental crítica desenvolver a readaptação de pessoas com diversos tipos de dependências.

A ABAI vem elucidar uma vivência crítica em que pude perceber a importância dos movimentos sociais que lutam contra um sistema pautado no esvaziamento das políticas públicas no combate à fome e a dignidade de nossos meninos e meninas. As imagens abaixo retratam alguns momentos dessa vivência, o trato com a terra e o compartilhamento em um ato representativo com as pastorais da terra, trazendo um momento muito importante e reflexivo que me trouxe esperança em um período muito conturbado que foi um ano de eleições presidenciais.

Dentre os assuntos abordados na roda de conversa merece destaque a importância do papel da ABAI, seu sistema integrado entre psicólogos, assistentes sociais e demais integrantes do espaço na recuperação e no esforço para que as pessoas que se encontram nesse espaço sejam tratadas com respeito e humanidade, compreendendo suas particularidades. A sistematização do compartilhamento da ABAI exercitou nos alunos o trabalho em grupo, a cooperação

e colaboração, onde houve a necessidade que os alunos se organizassem para programar a alimentação por exemplo.

FIGURAS 15 e 16- Roda de conversa e diálogos de saberes



Fonte: grupo da vivência (2022)

A roda de conversa foi um momento de grande interação, distribuição de sementes em “casulos”, esclarecimento dos integrantes sobre a relação da associação com os produtores do entorno e com a casa de sementes. Em um segundo momento da vivência parte dos alunos se disponibilizaram em preparar o almoço no espaço disponibilizado pelo ABAI.

FIGURAS 17,18,19,20 - Alunos da questão social na cozinha da ABAI





Fonte: grupo da vivência (2022)

O preparo do almoço foi um dos momentos mais significativos da vivência, dentro da cozinha da ABAI os alunos cooperaram entre si e preparam o alimento que foi arrecadado para a vivência, a associação disponibilizou as saladas, foram preparados mesas embaixo das árvores onde houve o compartilhamento com todas as pessoas presentes.

FIGURAS 21 e 22- Espaço de vivência interação homem natureza



Fonte: grupo da vivência (2022)

Uma das práticas da ABAI é a imersão dentro da floresta, e essa temática foi utilizada com os alunos, em um momento muito significativo por permitir que os alunos juntamente com as pessoas atendidas pela associação tivessem um momento de compartilhamento das histórias de vida, momento de oração, de observação e de caminhada pelo espaço da associação. Momento onde foi possível

observar a metodologia utilizada e as formas utilizadas para a inserção destas pessoas na sociedade novamente. No período da tarde foi feito o deslocamento dos alunos até a casa da semente de Mandirituba. A visita a casa da semente foi uma experiência que permitiu compreender a importância dos guardiões das sementes. Neste espaço estão diversas espécies de milho, feijão dentre outros. Ao explicar a forma como são selecionadas as sementes, o guardião reforça a importância da conservação das sementes crioulas, o quanto é importante conservar espécies livres das modificações genéticas.

Nesta parte são trazidos os questionamentos quanto à valoração da produção da agricultura familiar e sua policultura, dos povos indígenas e quilombolas que são os principais guardiões das sementes.

FIGURAS 23.24.25.26- Casa das sementes



Na casa da semente as sementes são armazenadas por espécie e os estudantes puderam ter contato direto com as diversidades armazenadas. Dentre as informações repassadas nesse contexto está a de que hoje a maioria das plantações

possuem sementes geneticamente modificadas e que há um movimento para que as sementes crioulas sejam preservadas e compartilhadas.

A vivência na ABAI trouxe muitos momentos de reflexão, sobre a importância do papel social da associação, da interação com a natureza, da metodologia humanizada utilizada neste espaço, das percepções acerca das diferenças e do papel essencial da agroecologia como ponto crucial para se compreender como um todo.

4.4 PERCEPÇÃO CRÍTICA

4.4.1 Interações Culturais e Humanísticas - ICH

O ICH foi um dos módulos do curso a qual foi ministrado pelo professor Rodrigo Rosi Mengarelli, nessa etapa foi um dos momentos críticos quanto a visão do que é as expressões da questão social e como ela se apresenta no dia a dia. Os estudantes tiveram um momento ao término do módulo para apresentações culturais como propõe o ICH.

FIGURAS 27 e 28 - Apresentação no ICH e foto da turma.



Fonte: autor (2023) e grupo da vivência (2023).

As apresentações foram realizadas de acordo com cada estudante, em formato livre, os relatos apresentados, músicas, poemas trouxeram aspectos muito importantes a serem refletido em nossa sociedade. Minha apresentação foi uma música do cantor Fábio Brazza e Souza Beats - Brasil em Chamas que retrata de acordo com minha concepção um Estado criminoso que é capaz de queimar pelo capital, um dos trechos marcante para mim é *“Nosso país tem nome de árvore. Mas*

a justiça, por aqui, nunca floriu; Bala no fuzil, fogo no pavio; Na Amazônia e no Pantanal; Segue o plano de um Estado Criminoso que planta o mal”. A política neoliberal escancara sua crueldade com as minorias neste país desigual.

4.5 Vivência na comunidade do Cabaraquara

A vivência na comunidade do Cabaraquara e da ilha da Cotinga, são marcos por tratarem de uma reflexão quanto ao território, em que ambos estão imersos no contexto do litoral do Paraná.

A placa na imagem se refere ao acesso terrestre pela avenida Juscelino Kubitschek trajeto (Caiobá-Guaratuba). Ao passar pela plataforma de embarque e desembarque do Ferry boat que vem de Guaratuba, percorre-se aproximadamente três quilômetros e meio e é possível acessar um dos seis restaurantes que fazem parte do espaço de produção e comercialização de ostras da espécie *Crassostrea brasiliana* (ou *gasar*). A história da comunidade de Cabaraquara se mistura com tantas outras que precisaram buscar alternativas para seu desenvolvimento.

Na imagem a placa que indica a comunidade e o cultivo das ostras:

FIGURAS 29 e 30- Placa de indicação do caminho das ostras: acesso Matinhos



Fonte: <https://encurtador.com.br/hprty>

De acordo Yi-Fu-Tuan (2012) para compreender a percepção ambiental do indivíduo é necessário compreender a sua construção e sua visão de mundo pelo

conhecimento tácito, proveniente de suas experimentações. As falas do senhor Hamilton trazem consigo a história construída a partir dessas relações e da ruptura de um sistema extrativista para um cultivo respeitando a relação com histórica, espaço e meio ambiente.

A vista da Baía de Guaratuba em meio a mata atlântica, na imagem também é possível ver que pelas bóias que seguram as gaiolas e sinalizam a produção de ostras, cada produtor tem seu acesso e espaço respeitado.

FIGURA 31- Vista da Baía de Guaratuba e da produção de ostras



Fonte: o autor (2023)

Na região onde ocorreu a visita, existem aproximadamente oito fazendas onde todos os produtores cultivam a ostra. Porém, apenas três deles pertencem à comunidade nativa. O acesso, no caso do senhor Hamilton, é feito pelo trapiche no final do caminho de conchas.

A propriedade vai ao encontro do mangue. Nas aulas da professora Helena ficou evidenciado que essa relação entre homem e natureza precisa ter o equilíbrio necessário para que haja a preservação e continuação das práticas de manejos apropriados.

FIGURAS 32 e 33- vivência espaço restaurante “Ostra Viva”



Fonte: o autor (2023)

O restaurante “Ostra viva” surgiu da necessidade de se criar um local para consumo das ostras, visto que muitos turistas, ao irem à propriedade para a compra das ostras *in natura*, preferiam consumi-las no local. Foi assim com a vivência, na figura 36 e 37 nossa turma teve esse momento de experimentar a produção local.

No contexto de comunidades tradicionais, Cabaraquara se insere no aspecto de comunidade que passou por transformações nas últimas décadas, devido à iniciativa do cultivo de ostras, que teve como pioneiro o senhor Hamilton, dono do espaço denominado “ostra viva”, local da vivência. As comunidades tradicionais do litoral paranaense possuem diversidade étnica, econômica e social que formam a dinâmica do território, principalmente as relacionadas com a preservação ambiental.

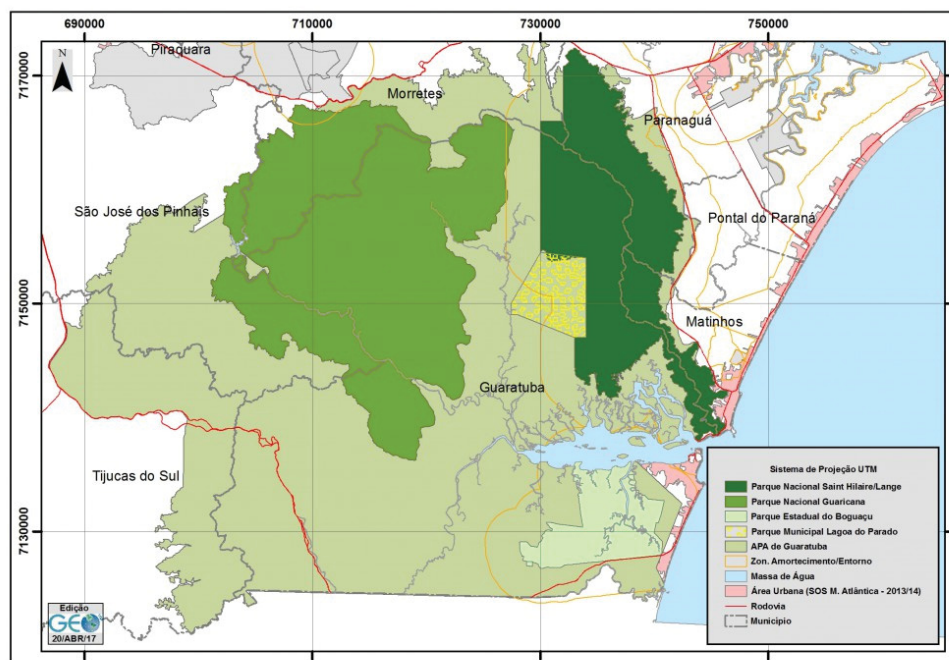
A comunidade é cercada pela área de proteção ambiental de Guaratuba (APA) e o Parque Nacional Saint Hilare-Lange criado pela Lei Nº 10.227, de 23 de maio de 2001, que determina em seu artigo segundo que haja a zona de amortecimento de 20 metros: [...] margeando as elevações do Morro Itaguá, próximo à estrada de acesso à localidade de Cabaraquara, seguindo daí, ainda pela cota de 20,00 metros, acompanhando a base do Morro de Cabaraquara[...]. A zona de amortecimento segundo a lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. que institui o Sistema Nacional de unidades de conservação (SNUC) é aquela disposta em torno de uma unidade de conservação onde as atividades desenvolvida nesse espaço precisam respeitar as normas e suas especificações quanto a restrição de impactos nocivos ao meio ambiente.

Neste contexto, trata-se do manejo de ostras e extrativismo que, de acordo com a SNUC, é: “XII - extrativismo: sistema de exploração baseado na coleta e extração, de modo sustentável, de recursos naturais renováveis”. No caso das ostras de Cabaraquara, esse aspecto entre extrativismo e proteção ambiental não geram conflitos eminentes legal e socialmente, visto que para a comunidade onde sua

atividade econômica é predominantemente extrativista e turística os moradores tomaram o cuidado de fazer os restaurantes em meio a mata atlântica, se atentando ao máximo as determinações legais de conservação do ecossistema.

As áreas de proteção ambiental dispostas em torno da comunidade favorecem os aspectos de qualidade das águas onde são criadas as ostras. A área de proteção ambiental de Guaratuba (APA) foi criada pelo Decreto Estadual nº 1.234 de 27 de Março de 1992, e posteriormente inserida na floresta Atlântica pelo Decreto Federal nº 750 de 10 de fevereiro de 1993, a APA é compostas por parque estadual e nacional em todo seu perímetro conforme mapa 1.

Mapa 1 - Área de Proteção Ambiental de Guaratuba - PR (APA)



Fonte: IAP (2017) Edição GEO, 2017

A APA é uma área de conservação que permite a utilização pública e privada desde que se respeite as prerrogativas existentes nos aspectos legais que asseguram a garantia e continuidade da preservação da área, de acordo com Kantek et al. (2009, p. 43) *“existe uma série de restrições quanto ao uso do solo e dos recursos naturais com o objetivo de disciplinar o extrativismo por parte das populações existentes. No geral, estas áreas têm atributos bióticos e abióticos, estéticos ou culturais importantes para a qualidade de vida”*.

Compreender e entender os conceitos científicos e históricos são essenciais para a compreensão da realidade, no entanto, é preciso entender a percepção da

comunidade, e da realidade local pelo olhar dos moradores..., no intuito de vivenciar os conceitos abordados em sala de aula, esses que se relacionam, com meio ambiente, território, comunidades tradicionais e socioeconomia.

Os sambaquis também fazem parte desse cenário são compostos por cascas de marisco, ostras dentre outros e estão presente em boa parte do litoral paranaense como uma cultura milenar em forma de rituais. De acordo com o levantamento feito pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do litoral paranaense (IPADE,1989), foram encontrados aproximadamente 90 sítios de sambaquis em Guaratuba, boa parte deles na localidade de Cabaraquara. *“Entre as várias denominações para os depósitos de conchas, de origem artificial, a palavra sambaqui, derivada do tupi-guarani (significando, provavelmente, monte de conchas) é a mais popular e melhor conhecida na literatura científica”* (Bigarella, 1954,p.214).

Assim, as conchas na natureza historicamente marcam a cultura do litoral paranaense, mostrando que para além do significado simbólico e de indicação de um povo, no aspecto de ostras do litoral figuram como indicativo de que a cultura do extrativismo já era presente nos povos originários.

3.6 RESSIGNIFICAÇÃO

A ressignificação é apresentada de forma sutil e significativa, foi um momento de transição, de amadurecimento e de consolidação do que o curso se propôs.

FIGURAS 29 e 30- Encontro inicial do semestre de 2023



Fonte: Autor (2023)

Nesse encontro além do momento de descontração foi possível observar o crescimento e avanços que tivemos durante o primeiro semestre do ano de 2022, os laços humanos foram fortalecidos, o olhar sob as especificidades sociais estavam cada vez mais críticas e reflexivas nesse momento.

4 CONCLUSÃO

O curso a partir das vivências possibilitaram uma resignificação da visão de mundo e a perspectiva sobre a questão social. Ao iniciar o curso tinha uma visão limitada da realidade, principalmente sobre o próprio território e suas relações sociais que se apresentavam.

Essa mudança de visão não se deu apenas no contato direto a partir das vivências, houve uma compreensão científica que o curso possibilitou unindo o conhecimento teórico com a realidade que se apresenta, às questões sociais e as expressões da questão social foram evidenciadas em toda essa caminhada. Uma delas é entender a dinâmica de territórios como o do litoral do Paraná, Guaraqueçaba é um desses exemplos a qual tem seus direitos sufocados devido a sua quantidade populacional impossibilitando a instituições de diversos setores essenciais para aquela população.

Outro marco importante foi a ABAI que desempenha uma função social muito importante no seu território e na reinserção dos indivíduos na sociedade a partir de suas relações homem/natureza. O próprio sistema capitalista marginaliza a população e cria dentro desse sistema entraves limitando os órgãos de agir efetivamente na busca de uma solução concreta. Surgem a partir desse contextos as “ABAIS” que lutam constantemente em prol da sociedade e das minorias.

As vivências que tive ao longo da especialização fizeram com que ao olhar a minha volta, olhar o outro e a sociedade de uma forma dissociada do meu “eu”, do meu ego, do pensar singular e perceber essas relações de uma forma coletiva, impulsionando o agir, não no intuito de resolver todas as problemáticas causadas pelo sistemas, mas agir com as ferramentas que tenho nesse caso a educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.A.S. educação escolar indígena e educação indígena delimitado na relação com a liberdade cultural sócio religiosa do povo Mbyá-Guarani da ilha da Cotinga. 111 p. Tese. Doutorado em ciências da religião, Pontifícia universidade católica, São Paulo.2015.

ALVARES, F. F. **Território e territorialidade:** uma análise de ocupações irregulares em Guaratuba-pr. 2016. 108 f. . Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Matinhos, PR, 2019.

ANDRADE, S.A. etnoarqueologia mbya guarani no tekoa pindoty (ilha da cotinga), litoral do estado do Paraná. 126 p. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná. 2013.

BRASIL. LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. 2000. Acesso em 29 de ago. de 2023.

BIGARELLA, J.J. Esboço da Geomorfologia do Estado do Paraná – Bol. IBTP. 32,Curitiba, 1954.

CAZELLA, A. A; MEDEIROS, M; DESCONSI, C; SCHNEIDER,S; PAULA,L.G. o enfoque da cesta de bens e serviços territoriais: seus fundamentos teóricos e aplicação no brasil. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR**. V. 16, N. 3, P. 193-206, set-dez/2020. Taubaté, SP, Brasil.

ESTADES, N. P. O Litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR, n. 8, p. 25-41,jul/dez. 2003.

GONÇALVES, M.V. S; SILVA, B.R; SANTANA, T.P; SILVA.L.E. **A biodiversidade como base para a implementação de um sistema de inovação centrado no uso sustentável dos recursos naturais a partir da perspectiva de desenvolvimento territorial e dos ODS's**. Litoral do Paraná [recurso eletrônico] : território e perspectivas -diálogos sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS). Org: Christiano Nogueira, Cinthia, Maria de Sena Abrahão, Paulo Rogério Lopes. - Cruz Alta :Ilustração, 2023. v. 6. : il.

IBGE. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística . **Censo Brasileiro de 2019**. Brasília: IBGE, 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística . **Censo Brasileiro de 2022**. Brasília: IBGE, 2022.

KANTEK, R. T.; SAUTTER, K. D.; MICHALISZYN, M. S.. Impactos ambientais na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaratuba, Paraná, Brasil, sob o ponto de vista de moradores tradicionais. **Sociedade & Natureza**, v. 21, n. 2, p. 39–56, ago. 2009.

LICCARDO, A.; SOBANSKI, A.; CHODUR, N. L. O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII. **Boletim Paranaense de Geociências**, Editora UFPR, n. 54, p. 41-49, 2004.

MOURA, E. A. **A Coroazinha da Ilha do Mel**: territorialidade de uma comunidade tradicional de pescadores(as) artesanais na ponta oeste, Paranaguá - PR. 2016. 140 f. . Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Matinhos, PR, 2016.

PARANÁ. LEI Nº 21.161, DE 25 DE JULHO DE 2022. Considera Áreas Especiais de Interesse Turístico e Locais de Interesse Turístico, áreas e localidades situadas nos Municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná. 2022. 29 de ago. de 2023.

RIBEIRO, L; PINHEIRO, R.M; NUCCI, J.C. Reservas particulares do patrimônio natural (RPPN'S) como subsídio ao planejamento da paisagem no município de Mandirituba, PR. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/75190/78738>. Acesso em: 30/04/2024

SILVA, G.P. da; CARDOSO, D.A. ABAI-Escola na Mata. Centro Socioambiental Mãe Terra (projeto de atendimento sócio assistencial em andamento). Fiepr. 2012.

Disponível em:

https://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/ABAI-Escola_na_Mata.

Acesso em: 30/04/2024

WANZINACK, C; SIGNORELLI, M.C. Expansão do ensino superior federal e desenvolvimento regional: o caso da Universidade Federal do Paraná no litoral paranaense. Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL, vol. 7, núm. 2, mayo, 2014